

Toxicomania e suicídio sob uma visão psicanalítica

Monia Karine Azevedo

Acadêmica de Psicologia da Universidade Paranaense.
End.: Av. Mauro Mori, 475. Centro. Goioerê- P.R. CEP:
87360-000

E-mail: monia_azevedo@hotmail.com

Giuliana de Oliveira Marson Teixeira

Psicóloga. Mestre em Psicologia (UCDB). Professora da
Universidade Paranaense - UNIPAR, Umuarama/PR

End: Praça Mascarenhas de Moraes s/n, Umuarama-PR,
87502-210

Email: giuliana@unipar.br.

Resumo

Qual a relação entre o suicídio e a toxicomania na contemporaneidade para a psicanálise? Este questionamento surgiu a partir de uma experiência de escuta analítica com toxicômanos. Oportunidade esta em que foram trazidas diversas vezes pelos usuários abusivos suas ideações e/ou tentativas malsucedidas de suicídio. Desta forma, buscou-se com este artigo realizar um levantamento bibliográfico de cunho psicanalítico de modo a lograr uma compreensão sobre a adição às drogas e o ato suicida, e as questões que possam ser comuns a ambos assuntos. Explorou-se a obra Freudiana “O mal-estar na civilização” e levantou-se questões a

respeito do gozo, desamparo e mal-estar; ainda, autores como Joel Birman e Jesús Santiago para uma compreensão da apresentação do sujeito contemporâneo. Chegou-se ao denominador comum da precariedade simbólica dos sujeitos contemporâneos devido à falência do legislador, o que resulta em uma dificuldade em lidar com o excesso de dimensões traumáticas ao qual estão expostos na pós-modernidade, e, assim, recorrem ao uso de substâncias artificiais como forma de obter uma descarga temporária e mesmo lograr um prazer “por baixo” do simbólico; ou, ainda, fazem uso de um recurso extremo, o suicídio – um ato final e infalível na solução do problema do mal-estar.

Palavras-chave: *Mal-Estar. Passagem Ao Ato. Toxicomania. Suicídio. Pós-Modernidade.*

Abstract

What kind of relation exists between suicide and drug addiction for the contemporary psychoanalysis? The questioning came up after an experience of analytical hearing with drug addicted subjects in which they brought several times their suicidal ideations and unsuccessful trials. In this way, this article aims to explore the psychoanalytical theory in order to reach a basic comprehension about these topics and their common points. We explored Freud's work “Civilization and its discontents” and found important concepts for the understanding of the mentioned topics – such as pleasure, helplessness, and discomfort. In addition, we went over works of contemporaneous psychoanalysts, such as Joel Birman and Jesús Santiago, for a comprehension about the constitution of the subject in the contemporaneity. We found, as a common denominator, the subject's symbolic precariousness due to a collapse of the legislator. This subject, lacking symbolic capability, is exposed to an excess of traumatic dimensions and has difficulties dealing with it. Therefore, the subject appeals to artificial substances in order to achieve a temporary discharge and even obtain a pleasure that is not mediated by the symbolic. Another possibility, more extreme, lays in the suicide, a final and unfailing act in order to solve the discomfort.

Keywords: *Discomfort. Passage To The Act. Drug Addiction.*

Suicide. Postmodernity.

Resumen

Qué clase de relación existe entre el suicidio y la drogadicción para el psicoanálisis contemporáneo? La pregunta surgió a partir de una escucha analítica con sujetos drogadictos, quienes manifestaron en varias ocasiones sus ideas suicidas y sus procesos no exitosos. De esta manera, este artículo busca explicar la teoría psicoanalítica para alcanzar una comprensión básica sobre estos temas y sus puntos em común. Se exploró la obra de Freud, “La Civilización y sus Descontentos”, y se encontraron conceptos importantes para el entendimiento de los temas mencionados como el placer, la impotencia y el desasosiego. Adicionalmente, se revisaron obras contemporáneas de psicoanálisis como las de Joel Birman y Jesús Santiago para comprender la constitución del sujeto en la contemporaneidad. Se encontró, como común denominador la precariedad simbólica del sujeto debido a la caída del legislador. Este sujeto carente de capacidad simbólica es expuesto a un exceso de dimensiones traumáticas y le dificulta lidiar con éstas. Por lo tanto, el sujeto apela a sustancias artificiales para lograr una descarga temporal y obtener un placer sin la mediación de lo simbólico. Otra posibilidad más extrema yace en el suicidio, un acto final e indefectible para terminar el desasosiego.

Palabras-clave: *Desasosiego. Passaje Al Drogadicción. Suicidio. Contemporaneidade.*

Résumé

Quelle est la relation entre le suicide et la toxicomanie dans la psychanalyse contemporaine pour? Cette question s’est posée à partir d’une expérience analytique d’écoute avec les toxicomanes. Cette opportunité dans laquelle ils ont été amenés à plusieurs reprises par leurs agresseurs idéations et / ou tentatives infructueuses de suicide. Ainsi, nous avons cherché à accomplir avec cet article une caractéristique de la littérature psychanalytique afin de parvenir à une compréhension de la toxicomanie et de suicide, et les questions qui sont communes aux deux sujets. Explorées pour l’œuvre de Freud - le malaise dans la civilisation - et

dês questions se posent au sujet de la joie, sentiment d'impuissance et d'inconfort, voire de auteurs Joel Birmans et Jesús Santiago pour une compréhension de la présentation du sujet dontemporain. Il en est résulté un dénominateur commun symbolique de la précarité des sujets contemporains en raison de l'échec de la législature, ce qui entraîne une incapacité à faire face à des dimensions supplémentaires qui sont exposés à la post-modernité traumatique, et donc recourir à l'utilisation de substances artificielle comme un moyen d'obtenir une décharge, et même d'atteindre un plaisir temporaire, «en bas» de la symbolique, ou même faire usage d'une station, dernier suicide - un acte final et une solution infaillible pour le problème du malaise.

Mots-clés: *Malaise. En Passant L'acte. La Toxicomanie. Le Suicide. La Post-Modernité.*

Introdução

Talvez o suicídio seja uma das questões mais delicadas para se trabalhar. Primeiramente porque encontra-se em um contexto de sofrimento desmedido e intolerável do sujeito, em que apresenta-se o desamparo e a impotência de que somos constituídos. Ainda, porque há o cessamento do desejar, ficando no sujeito desejante apenas de um fim deste sofrimento experienciado.

No contexto da toxicomania são comuns os relatos de ideias suicidas ou mesmo de tentativas de suicídio. O desejo de por um fim ao sofrimento das relações de que não dão conta, e de um corpo degradado pelo tóxico, ou mesmo a dor causada pela própria necessidade de abstinência, foram pontos observados nas falas de sujeitos toxicômanos. Esta frequência de discursos suicidas, aliada ao próprio tabu das questões que concernem ao suicídio, é que levou-nos a explorar o tipo de articulação existente, de um ponto de vista psicanalítico, entre estes dois atos.

Sabe-se que tanto o suicídio quanto o uso do tóxico sempre existiram nas mais diversas culturas e períodos da história. Outeiral (2005) coloca que, apesar desta presença do tóxico ao longo da existência humana, o uso deste possui em outros momentos um papel diferenciado do que apresenta na atualidade. O tóxico, antes utilizado para fins terapêuticos ou religiosos, passa

a ocupar na atualidade um espaço não mediado pelo ritualismo, e marcado pela abundância epidêmica. Este último fato é confirmado por meio de estudos estatísticos da World Health Organization – WHO, nos quais constam que o uso abusivo de drogas aumentou significativamente nas últimas décadas; chegando-se atualmente a 76 milhões de sujeitos com transtornos abusivos do álcool, e pelo menos 15 milhões com uso abusivo de drogas.

No que tange ao suicídio Fensterseifer & Werlang (2006) dizem tratar-se de uma questão que na atualidade ocupa uma posição de problema de saúde pública. Segundo a WHO a cada ano um milhão de pessoas cometem suicídio, e nos próximos dez anos esta taxa deve aumentar em 50%. Ainda segundo esta mesma organização, uma em cada quatro pessoas que cometem suicídio fazem uso abusivo de álcool ou drogas.

Assim, é imprescindível que se olhe para a época em que estamos inseridos para que se entenda a relação do suicídio e do tóxico. Sendo assim, este artigo busca alcançar uma compreensão básica neste âmbito, procurando entender de que sujeito se fala, de seu modo constitutivo e como se apresenta na atualidade, para então tratar do papel que o tóxico e o suicídio ocupam na inscrição deste sujeito.

A finalidade do sujeito: o gozo

“o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer”

(Freud, 1931/1974, p.94)

Segundo uma perspectiva psicanalítica, gozar é a finalidade suprema do sujeito, e este gozo é alcançado pela descarga da energia pulsional acumulada. Não há, porém, uma forma única e preconcebida para que ocorra a descarga, ou seja, não existe um objeto padrão para a descarga, mas as vias são constituídas por cada sujeito ao longo do desenvolvimento psicosssexual.

Freud (1931/1974) coloca que existiu um momento primordial para todo sujeito, no qual a pulsão foi completamente satisfeita e o psiquismo entrou em equilíbrio, e, a partir de então,

o sujeito passou a buscar sempre um prazer semelhante a este obtido no gozo primordial – de completa descarga, que proporcionou um prazer nirvânico. Porém, este gozo completo é impossível de ser alcançado novamente, e todo prazer é experienciado como incompleto/faltante. Assim, o sujeito vive na repetição, ainda esperando alcançar aquela satisfação primária, e justamente pela falta de sucesso em lográ-la plenamente que o sujeito move-se na cadeia significativa.

Além do mais, apesar de que obter prazer é a grande finalidade do sujeito, esta busca acaba sendo geradora de tensão, isto porque, segundo Freud (1931/1974), a finalidade individual é conflituosa por estar “em desacordo com o mundo inteiro”(p. 98). Em seu trabalho “O mal-estar na Civilização”, Freud traz que o gozo encontra-se em desacordo primeiramente com o próprio corpo do sujeito, que está fadado à decadência e à experiência da dor sem qualquer possibilidade de evitação; nem mesmo pode evitar a produção de sinais de ansiedade. Outro fator é o próprio mundo e suas forças naturais incontroláveis e destruidoras, que são outro empecilho para que o prazer seja alcançado, pois propiciam um acúmulo traumático; há ainda a impotência do sujeito frente às catástrofes, não podendo prevêê-las, controlá-las ou impedi-las, coloca-o indefeso sem qualquer garantia de proteção. Por último, Freud aponta a “inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade.”(p. 105), que balizam as possibilidades de satisfação do sujeito.

Freud (1931/1974) traz que:

Quanto às duas primeiras fontes, nosso julgamento não pode hesitar muito. Ele nos força a reconhecer essas fontes de sofrimento e a nos submeter ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização (p. 105).

Já a última barreira pode, até certo ponto, parecer ques-

tionável, pois, diferentemente das demais, trata-se uma questão contornável. O homem está impreterivelmente sujeito às vicissitudes da natureza e do corpo, mas o sofrimento decorrente das regras só se dá depois que o indivíduo aceita submeter-se a estas, caso contrário, não terá que segui-las. Assim, pode-se questionar a respeito do que leva o homem a aceitar abrir mão de seus impulsos pela civilização, sendo que esta submissão impede sua finalidade de satisfação (Freud, 1931/1974).

A psicanálise entende que o sujeito aceita as regras para buscar a ilusão de uma solução para as outras barreiras que impedem a sua satisfação – o corpo e a natureza. Freud (1931/1974) coloca que a civilização surgiu como forma de organização dos indivíduos para lograr o sustento e sobrevivência de cada um – visava-se uma proteção contra as forças naturais contra as quais não poderiam lutar individualmente, e também proteger-se contra o outro. Assim, o pai da psicanálise dizia que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (p. 137).

Seguindo esta linha de raciocínio, Birman (1997) ressalta que o homem abriu mão da satisfação de suas pulsões por causa do sentimento de **desamparo** e **dependência** do outro que possui. Para este autor, o desamparo trata-se do despreparo do homem frente a certos estímulos do meio.

Freud (1931/1974) já mencionava o conceito de desamparo em sua obra, e para este o desamparo consiste na fragilidade constitucional do ser humano quando relacionado ao seu corpo e as ameaças exteriores. Para Besset (2002), o desamparo é entendido como uma “impossibilidade de acesso ao objeto que garante satisfação” (p. 208). Esta última autora traz que o sujeito sozinho não possui meios para acessar a satisfação e necessita de um outro que lhe auxilie, e o desamparo instala-se na falta de garantia desse outro que o auxilie. Costa (2000) argumenta que o desamparo apresenta-se em situações que dependemos do outro para a sobrevivência ou para uma vida melhor, ou ainda quando o outro e o próprio sujeito são impotentes para impedirem a morte e o sofrimento.

Freud (apud Besset, 2002) vai mais longe e argumenta que

o amor pelo outro é desenvolvido, pois a criança aprende que este outro, de certa forma, remedia o sentimento de desamparo e satisfaz suas necessidades.

Em decorrência do exposto – a dependência do outro – Freud (1931/1974) coloca que “A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado” (p. 165). Logo, como forma de buscar contornar esse desamparo, o sujeito abriria mão da satisfação ilimitada para inscrever-se na civilização. Este sujeito submete-se então ao controle de sua sexualidade e agressividade.

Nem todo sujeito, porém, inscreve-se nestas condições de submissão para lidar com o desamparo. Deve-se pontuar aqui que apenas o neurótico inscreve-se de forma a aceitar o contrato social e a limitação para obter o gozo, e em contrapartida este sujeito logra o amparo social. Já outros falham em sua inserção ou mesmo renegam a existência do contrato, constituindo-se basicamente de forma diferenciada. Não é objetivo deste trabalho tratar destas formas patológicas de inscrição denominadas pela psicanálise, respectivamente, psicose e perversão. Cabe apenas colocar que na psicose, como não há a inserção do contrato, não há limites para a obtenção do gozo, e na perversão, que renega o contrato, o sujeito busca o gozo à revelia (Magalhães, 2005).

O que importa ao objetivo deste trabalho é a inscrição saudável ou neurótica, que, segundo Magalhães (2005), é o sujeito que se inscreve a partir do contrato social e busca satisfazer sua pulsão por meio de formas aceitas. Neste sentido, o neurótico dispõe de duas formas distintas de lidar com as pulsões em busca do gozo: “sufocar essas energias (...) ou aplicá-las em outras direções ou em outros objetos.” (Giordani, 2000, p. 302).

O redirecionamento da pulsão é o que Freud denominou sublimação. Neste processo, o sujeito dá uma saída socialmente aceita a suas pulsões, convertendo-as em uma energia construtiva através da modificação do objeto e do alvo sexual. Nesta modalidade encontram-se as manifestações artísticas, intelectuais, entre outras, caracterizadas pelo direcionamento da pulsão para uma direção que não a original. Valas (2001) coloca que o prazer obti-

do através da sublimação é comparável psiquicamente ao sexual, porém em menor intensidade. Ainda, a sublimação trata-se de um meio bastante sofisticado e o mais saudável ao sujeito.

Já o recalçamento consiste em “abafar” a pulsão. Segundo Nasio (1991) trata-se de uma saída que coloca-se quando o psiquismo se depara com um excesso de energia do qual não dá conta de canalizar, ou mesmo, quando vias anteriores de descarga estão comprometidas e deixam de poder ser usadas.

Sobre o recalçamento, Giordani (2000) clarifica que este não cessa a pulsão, pelo contrário, revigora-a e leva a atitudes de compensação. Pela dificuldade de mantê-la recalcada, esta acaba escapando por outras vias, entre as quais encontra-se o sintoma. Esta forma de obter prazer pelo sintoma trata-se de “um distúrbio que causa sofrimento” (Nasio, 1993, p. 13) – o que parece contraditório com sua finalidade de obter satisfação. Nasio (1993) explica este paradoxo, argumentando que é um sofrimento que causa dor ao eu, mas que atua como objeto de descarga pulsional, e, logo, prazer para o inconsciente. O sintoma atua como um signo que remete ao conteúdo que é reprimido no inconsciente, e, portanto, impedido de ser expresso – “como uma mensagem que nos informa sobre fatos ignorados de nossa história” (p. 20). O sintoma acaba por expressar aquilo que se busca reprimir por meio de atos involuntários que se apresentam desagradáveis e inúteis ao sujeito.

Estas formas de obtenção de gozo citadas a cima, repressão e sublimação, têm em comum o fato de que o gozo do sujeito deixa de ser direto, já que o objeto onde obtém prazer não é fonte de gozo por si só; a satisfação passa a ser através do simbólico. A representação que este novo objeto de satisfação tem remete ao prazer primordial, ou seja, dá-se o gozo simbólico ou fálico, característica essencial da neurose (Valas, 2001).

Esta forma de gozo indireto não se instala sem prejuízo ao sujeito. Ao inscrever-se pela via simbólica, na repressão ou sublimação, o sujeito aceita também uma satisfação menos intensa que aquela que lograria com seu objeto original. Ainda, acaba por sofrer os efeitos “colaterais” da repressão, já que ao se reprimir a carga pulsional esta é redirecionada para uma compensação em outro sentido, quando instalam-se os sintomas. Caso isto não se faça,

o sujeito fica passível de sofrer graves distúrbios; “toda violência feita contra a natureza volta-se contra a pessoa, comprometendo o equilíbrio psíquico”. (Giordani, 2000, p. 294).

Tendo em vista estes prejuízos na satisfação do sujeito, Freud (1931/1974) já dizia que a civilização trouxe infelicidade ao homem e que a possibilidade de alcançar a satisfação seria muito maior caso voltássemos ao nosso modo primitivo de vida em que não fosse necessária a submissão. O pai da psicanálise salienta que o preço mais alto pago pela submissão e o “amparo” social é a perda da felicidade pelo aumento do sentimento de culpa, o que gera o sentimento de mal-estar que caracteriza-se como “o mais importante problema no desenvolvimento da civilização”(p.158). Este sentimento de culpa não está exatamente claro ao sujeito, e é vivenciado como angústia, e uma ansiedade quando impedido de praticar ações.

Logo, tem-se que o sujeito busca lidar com seu desamparo por meio da inscrição simbólica e encontra, ainda assim, a impossibilidade de lograr a felicidade. Isto porque a simbolização, apesar de garantir a possibilidade de obtenção de algum prazer, não é suficiente para eliminar o mal-estar causado pela inibição do objeto originário.

Gozo, mal-estar e contemporaneidade

A canalização da pulsão por vias simbólicas, recalque e sublimação, é estabelecida por meio de um processo estrutural bastante complexo. O sujeito deve apresentar condições psíquicas para suportar a interdição de seu gozo e lograr satisfação pela via significante. Estas condições são introduzidas com a colocação da lei paterna ou castração. A partir desta, o gozo por meio do objeto original é impedido, e fomenta-se a insurgência de outras formas de satisfação. Dá-se, desta forma, o deslocamento objetal, que é quando o sujeito entra no campo simbólico. Caso esta barreira não se instale caracteriza-se uma psicose, perversão, ou estados limítrofes. (Silva & Couto, 2009).

No período em que Freud se inseriu, a modernidade, era típica a inscrição dos sujeitos por meio do simbólico. Assim o sujeito moderno era caracterizado pela presença desta estrutura psíquica

necessária para a submissão e, em decorrência, possuía certa capacidade de simbolização. Apesar de existir a presença do corpo na descarga da pulsão, como na conversão, este estava inscrito no simbólico e representava algo do âmbito psíquico, consistindo em uma verdadeira atuação (Birman, 2006).

Há na atualidade, porém, uma diferente inscrição do sujeito. É característica de nossa época uma ausência do que Lacan chama de pai legislador – figura responsável pela inserção deste sujeito na cadeia significativa. Em uma sociedade em que se dá um processo de quebra dos tradicionalismos e a liquidez das normatizações, um sujeito de uma falência simbólica acaba por constituir-se (Coelho dos Santos, 2005).

Birman (2006) coloca que pela falta de uma limitação, de uma lei, o sujeito encontra-se desarmado do simbólico para lidar com o excesso. O raciocínio deste autor é acompanhado pelas colocações de Teixeira (apud Silva e Couto, 2009), que diz que hoje nos falta essa linguagem, da ordem do simbólico, para elaborar a ausência de liberdade na civilização. Mainetti e Vilutis (apud Mendes e Prochno, 2004) também apontam “sérias falhas de simbolização” (p. 153); um vazio que ocupa o lugar das representações.

Neste âmbito de precariedade simbólica do sujeito contemporâneo, há pouco espaço para a utilização do sintoma clássico como forma de descarga pulsional. Santiago (2002) coloca que o sintoma, via principal da tentativa de satisfação, pode vir a não dar conta do excesso pulsional, ficando o sujeito passível de uma volta ao gozo infantil original não aceito pelo contrato social. Neste momento, como forma de defesa à instalação de uma psicose, o sujeito deixa de obter o prazer através da simbolização (gozo fálico) e recorre a um gozo direto no corpo. É uma espécie de curto-circuito simbólico em que falha o sistema e, para que não haja um retorno ao gozo infantil instaura-se um último recurso, o gozo pelo corpo.

Birman (2006) traz que por conta desta fragilidade dos mecanismos simbólicos estamos constantemente expostos a traumas, e, como forma de conter a emergência de comprometimentos psíquicos mais severos, o sujeito faz uso do corpo e da ação para realizarem uma descarga. Porém, o corpo e a ação já não são usa-

dos como na modernidade, em que possuíam uma via simbólica, a somatização; trata-se de um uso desprovido deste viés simbólico, ou seja, um corpo e um fazer que dão um gozo direto.

Magalhães (2005) nomeia essa forma de defesa como uma *nova* classe de sintomas, o “novo sintoma”. O autor chega mesmo a levantar os questionamentos de outros teóricos quando discute a adequabilidade de chamar esse gozo no corpo de **sintoma**, já que, classicamente, o simbólico é condição imprescindível para a definição clássica de sintoma. Miller (apud Magalhães, 2005) sugere que a psicanálise “se apodere de novos dados, se estenda e que ela estenda o sintoma.” (p. 6). Neste trabalho adota-se a noção da toxicomania, bulimia e demais, não como sintomas, mas como defesas que “socorrem” o sujeito ao falhar o sintoma.

O recurso da passagem ao ato, característico da estruturação simbólica precária deste sujeito contemporâneo, ainda encontra suporte na sociedade pós-moderna em sua busca por uma satisfação que passa “por baixo” do gozo fálico. Este suporte trata-se do culto ao imediatismo que se opõe aos processos inconscientes. A cultura capitalista vem ao encontro do sofrimento absurdo deste sujeito traumatizado pelo excesso que não dá conta de simbolizar, oferece a este formas para que tampe o sofrimento. Assim, o sofrimento é negado e tamponado, seja pelo uso de fármacos, ou pelo investimento no corpo para não se dar conta do vazio interior, ou ainda pelo agir compulsivo (Mendes e Prochno, 2004).

Mainetti e Vilutis (apud Mendes e Prochno, 2004) pontuam este movimento da contemporaneidade como uma não aceitação do mal-estar. Os autores colocam que o mal-estar do sujeito é inerente à existência, já que o sujeito é constituído por um desamparo e necessita do outro, mas a cultura atual, que valoriza o imediato e a supressão da dor a qualquer preço, inscreve no sujeito uma impaciência com o processo de elaboração, uma falta de habilidade de lidar com a demora, e uma não aceitação da experiência dolorosa. Assim, esse sujeito não aceita a falta que lhe é inerente e busca formas de retirar de si a dor, na tentativa de obter este sentimento.

Birman (2006) resume o cenário atual, colocando que a po-

breza de linguagem e a não aceitação da falta leva o sujeito a buscar outras formas de lidar com o excesso pulsional derivado do mal-estar. Este sujeito recorre a outras ferramentas para a disseminação do excesso: o corpo e a ação. Neste âmbito se realiza uma passagem ao ato, uma pura descarga pulsional sem simbolização.

Savietto (2007) argumenta que em uma cultura em que se busca um prazer imediato, e em que a supressão da dor é vista como necessidade, é propício o uso do recurso da passagem ao ato. Este mesmo autor define a passagem ao ato como “um curto-circuito do trabalho de elaboração psíquica e a convocação do registro corporal” (p. 439), uma tentativa desesperadora de manutenção do equilíbrio psíquico.

A psicanálise entende que o ato é o meio pelo qual o sujeito se apresenta. Lacan (apud Caravelli, 2009) analisa o conceito de ato e distingue-o em dois: a passagem ao ato e o *acting out*. Este último consiste em um ato que ainda possui uma via simbólica, visa reproduzir algo sem passar pela fala. Como coloca a autora, trata-se de uma denúncia do desejo por meio da cena, assim como era característico da modernidade e as comuns manifestações de históricas como as do caso Dora.

Por outro lado, a passagem ao ato é pura ação; não se procura dizer algo, apenas se age. Voruz (2007) traz a comparação de Lacan entre o *acting out* e a passagem ao ato a uma torneira. O primeiro seria a presença ou ausência do derramamento de água, e o segundo a abertura dessa torneira sem uma noção clara do que está sendo feito.

Neste trabalho interessa apenas a compreensão da passagem ao ato; esta sendo uma forma de defesa do psiquismo contra o excesso pulsional. Garcia-Roza (1990) traz que o sujeito se coloca primeiramente pelo simbólico e que a passagem ao ato apresenta-se apenas na falha desta. Logo, diante da precariedade simbólica do indivíduo contemporâneo unida ao excesso pulsional traumatizante experienciado por estes, dá-se a necessidade de o psiquismo recorrer ao ato – defesa esta que compõe o cerne das psicopatologias contemporâneas (Savietto, 2007).

A questão que remanesce a esta defesa, que busca um gozo

imediatamente no corpo, é que o excesso pulsional não é eliminado pelo ato. Saviotto (2007) ressalta que, por não alcançar uma simbolização, esse excesso pulsional persiste no aparelho psíquico, o que leva a uma constante repetição destes atos no intuito de buscar o alívio, mesmo que momentâneo.

Neste âmbito encontram-se várias formas distintas de ato com vistas a dar conta desse excesso pulsional, nos quais encaixam-se os transtornos alimentares, a toxicomania, e, ainda, o suicídio como **recurso último**.

Toxicomania como uma passagem ao ato

Como visto anteriormente, Freud já apontava em “O mal-estar na civilização” três saídas para o excesso pulsional resultante do gozo interceptado – a somatização, a sublimação e o tóxico (Leite, 2001).

Freud (1931/1974) considerava bastante efetiva a saída pelo tóxico, pois trata-se de um agir naquilo que leva o sujeito a experimentar a insatisfação, ou seja, no próprio organismo. A intoxicação é a forma pela qual se obtém a alteração do modo de experienciar o externo, e, ainda, faz com que seja possível alcançar grande porção de descarga pulsional, o que é sentido como prazer.

Esta descarga pulsional é possível de ser lograda por meio do tóxico devido ao fato de a pulsão ter sua fonte no próprio corpo. Conforme argumenta Nogueira Filho (1999), que na verdade retoma os estudos de Freud, a pulsão tem sua origem no corpo, e o tóxico age nesta fonte biológica, satisfazendo-a no próprio nível do corpo sem ter que recorrer ao complexo processo de simbolização.

Lacan (apud Santiago, 2002) traz que ao alterar o próprio organismo com a droga o sujeito escapa à necessidade de um gozo todo ordenado e estruturado, através de um complexo processo de deslocamento da pulsão. As vicissitudes para a satisfação por onde a pulsão deste toxicômano se inscreveu deixam de ocupar o protagonismo da satisfação, neste momento a satisfação “passa por baixo” das demandas do recalque, nas palavras do psicanalista Santiago (2002).

Desta forma, a droga torna-se eficaz, pois permite ao sujeito

escapar ao gozo socialmente aceito, ordenado por cada cultura, sem que seja necessário um surto do psiquismo. O gozo fálico regido pela castração é rompido pelo sujeito toxicômano, a passagem pelo simbólico deixa de ser necessária – encontra prazer no real de seu corpo (Santiago, 2002).

A epidemia de uso do tóxico na atualidade, como via de gozo, pode então ser pensada pelo que já foi dito até agora. Considerando que, segundo Birman (2006), há na contemporaneidade a produção de sujeitos de precárias estruturas simbólicas, que não tem condições suficientes para lidar com o excesso pulsional através da canalização deste para uma cadeia de significantes; e que, segundo Savietto (2007), o excesso pulsional traumatizante experienciado pelo sujeito traz a necessidade de o psiquismo recorrer ao ato; este sujeito recorre ao uso do tóxico como forma de lidar com seu excesso pulsional, evitando assim um surto do psiquismo.

Há, porém, a questão de que o uso do tóxico oferece um alívio pulsional apenas temporário, e assim o sujeito terá que se haver novamente com esse excesso quando o efeito do tóxico esgotar-se.

A satisfação sem sentido é ao mesmo tempo conveniente a este sujeito, pois, como Lacan (apud Santiago, 2002) coloca, evita que ele tenha que se haver com seus conteúdos; e também age como uma espécie de proteção, já que oferece suporte à manutenção do equilíbrio de um psiquismo com poucas condições de simbolização (Savietto, 2007).

Suicídio como uma passagem ao ato

Outra solução dada ao sofrimento causado pela energia psíquica não simbolizada é o suicídio. No suicídio, dá-se a retirada do corpo do neurótico da submissão ao contrato por meio da autodestruição. O excesso pulsional, que não encontra meios simbólicos para inscrever-se, é, por meio do suicídio, canalizado para um ato final (Justus, 2003).

Segundo Bastos (2006), o termo suicídio deriva do latim *sui* (de si mesmo) e *caedes* (ação de matar). Este autor traz que

Durkheim, considerado o pai da sociologia moderna e um dos intelectuais que mais deu importância ao assunto, viu o fenômeno do suicídio como uma produção social. Assim, um indivíduo sob determinadas condições sociais estaria propício a cometer auto-destruição como forma de rebelar-se contra a insatisfação de seus interesses. O sociólogo defendia que seria possível determinar, através de pesquisa social, quais os grupos em que a atitude suicida poderia vir a se manifestar, e, a partir disto, a autodestruição poderia ser combatida. O controle das taxas de suicídio seria necessário para manter a coesão grupal, prevalecendo o benefício ao grupo em detrimento das manifestações singulares.

Para o direito, o ato suicida é fonte de preocupação devido às consequências sociais do mesmo, já que este pode vir a criar instabilidade – considera-se o suicídio um atentado à preservação do contrato social. O sujeito que opta por não viver está escolhendo não submeter-se ao contrato, e pode desencadear uma avalanche de questionamentos ao que está estabelecido, criando uma situação social crítica (Bastos, 2006).

Segundo Bastos (2006), a psicanálise encontra-se com o proposto por Durkheim no que tange ao conflito sociedade e sujeito. Assim como o sociólogo, a psicanálise entende o individual e o grupal como uma relação geradora de tensão. Isto porque, como disse o próprio pai da psicanálise, os objetos de descarga pulsional originais do sujeito não são aceitos pelo social, criado assim um conflito entre o que o sujeito demanda e o que este de fato pode realizar.

Este conflito social é o grande gerador de tensão interna, e favorece o acúmulo de energia pulsional, já que esta não pode ser descarregada por vias originais. Nesta situação, Fischbein (apud Macedo e Werlang, 2007) traz que frente aos conflitos psíquicos existem duas formas de resposta do sujeito: a possibilidade de representá-los simbolicamente; e o que ele chama de mais “regressivo”, a descarga por meio do ato. Segundo este mesmo autor o ato é resultado da impossibilidade em conter os conteúdos traumáticos por meio do simbólico; “O excesso (traumático) continua impondo ao psiquismo uma demanda de trabalho para o qual aquele não encontra recursos de mediação” (p. 186).

De acordo com o argumento de Fischbein (apud Macedo e Werlang, 2007), entende-se que a impossibilidade de descarga imposta pelo social não é o único fator que pode levar um sujeito ao ato suicida, isto porque ele pode recorrer à simbolização. A questão que intervém na discussão é, de fato, a fragilidade simbólica do sujeito que o leva a experienciar as vivências como traumatizantes.

Nasio (1991) argumenta que o trauma é o acúmulo de energia, o que pode acontecer pelo incremento da estimulação externa, ou por problemas na canalização da pulsão. Assim, pode-se entender que o sujeito sempre esteve exposto a traumas, mas que seu aparato simbólico, de uma forma ou de outra, suscitaria meios de lidar com o excesso – como é o caso do sintoma. Porém, o diferencial é o momento contemporâneo em que tanto o sujeito sofre um enfraquecimento de seu aparato psíquico, como a sociedade bombardeia com excessos traumatizantes.

Hegenberg (2000) argumenta que além da fragilidade simbólica ainda há a questão da falta de reconhecimento dos valores morais, que acaba por gerar mais tensão, já que, quando havia a presença de fortes valores as questões próprias à existência humana estavam, de certa forma, “escondidas” pelas tradições, convenções e caminhos a serem seguidos. Na atualidade, a liquidez de valores desvela estas questões humanas e aumenta o sentimento de angústia, e o despreparo simbólico dos sujeitos faz com que esta angústia seja traumatizante, criando um sofrimento sem precedentes no sujeito.

Desta forma, é este sujeito contemporâneo que, neste momento histórico – pós-modernidade – não dá conta de lidar com o excesso, e sofre por se ver desprovido destes meios para administrar sua carga por vias simbólicas, conforme demanda a inscrição no social. Este excesso causa uma dor psíquica de tamanha intensidade que aproxima-se da vivência de morte. Passagens ao ato como a toxicomania surgem como tentativas de lidar com esse excesso, mas falham na redução da tensão, pois promovem apenas um prazer imediato, e acabam por criar ainda mais a dor, suscitando a emergência de medidas extremas. A autodestruição apresenta-se como uma medida que põe fim a esta angústia avassaladora (Macedo e Werlang, 2007).

Assim, pode-se compreender a estreita relação do ato suicida com a precariedade simbólica do sujeito contemporâneo, que foi citada anteriormente, com a argumentação de Fensterseifer & Werlang (2006):

“o que é descarregado no ato de tentar acabar com a própria vida tem íntima relação com um excesso derivado de vivências traumáticas às quais não foi possível dar uma atribuição de sentido ou obter uma captura no mundo representacional do sujeito”(p. 93).

Justus (2003) traz que “o suicida parece ter de ejetar-se para se inscrever no mundo”(p. 4). Trata-se de uma forma de inscrição extrema que busca livrar-se das imposições da submissão ao contrato. Lacan, citado por aquele autor, coloca que o suicídio é um verdadeiro curto-circuito, em que há passagem excessiva de “corrente elétrica” sem que o sistema dê conta desta, como consequência ocorrem reações violentas no circuito. Assim, o excesso pulsional não é mais passível de ser controlado pelo psiquismo, não se satisfaz mais no sintoma, sendo necessário que se recorra ao ato.

Fensterseifer & Werlang (2006) colocam que cada vez mais os sujeitos encontram no suicídio uma forma de aplacar a dor; ainda, ressalta a preocupação com esta forma de lidar com o excesso, pois assim o sujeito não apenas se retira do laço social, mas também mata a “proposta de um grupo, de uma comunidade” (p. 40).

Considerações Finais

Buscou-se aqui explorar a articulação existente entre o ato do suicídio e da toxicomania. Chegou-se ao denominador comum da precariedade simbólica dos sujeitos contemporâneos devido à falência do legislador. Para a psicanálise, a obtenção de prazer pela via do simbólico está condicionada à estruturação psíquica do sujeito. Essa estrutura para a submissão à lei é ao sujeito pela inscrição da figura paterna. Na atualidade, com a quebra dos tradicionalismos e a liquidez das normatizações, há a caracterização de uma falência desta figura legisladora, o que culmina na construção de sujeitos precariamente munidos de simbólico. Assim,

apesar de os sujeitos se constituírem dentro da lei, tendo uma estruturação psíquica que admite uma submissão ao contrato e uma inscrição do gozo fálico, estes também caracterizam-se por uma precariedade simbólica.

Desta forma, sem as ferramentas para lidar com o excesso pulsional remanescente dos empecilhos sociais, esse sujeito se vê tendo que recorrer a outras formas de satisfazer suas pulsões que não por vias simbólicas. O sujeito encontra então a possibilidade de um direcionamento de sua pulsão para o ato. Não um ato significativo que tem o outro como receptor, como o do *acting out*, mas um ato que deixa de passar pela cadeia representativa e que prescinde do outro, não há receptor, é um ato diretamente no real, em que se encontra o uso do tóxico e o suicídio.

O uso do tóxico encaixa-se na passagem ao ato por ser um gozo que não passa pela via do simbólico, não possui um sentido, apenas a satisfação. Já o suicídio, trata-se de um ato extremo frente ao excesso traumatizante e ao sofrimento decorrente da impossibilidade de lidar com este.

Desta forma, elencam-se duas possibilidades de relações. Primeiro, que o sujeito lança mão simplesmente de uma forma de passagem ao ato, tóxico ou do suicídio, devido a sua já precária capacidade de simbolização, para lidar com o excesso pulsional de que é acometido. Segundo que o suicídio ocorre em um âmbito em que já houve uma tentativa de resolução do excesso pulsional por meio da toxicomania. Assim, após o que Bucher, Ulhoa e Longo (1981) chamam de uma fase de “lua de mel” com a droga, o sujeito recorre ao suicídio como um ato final, com a esperança de resolver não apenas o excesso pulsional, mas também o efeito debilitador que a droga causou ao seu organismo.

Referências

- Bastos, R. L. (2006). *Suicídio: Estudo psicossocial*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Besset, V. L. (2002). Angústia e desamparo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 2(2), 203-215.
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Birman, J. (2001). *Mal estar na atualidade* (3a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bucher, R., Ulhoa, M. J. C., & Longo, S. M. (1981). O toxicômano: Dados psico-sociais e estrutura psico-dinâmica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 1(1), 79-106.
- Caravelli, Selena de A. L. (2009). *A passagem ao ato suicida e seus antecedentes nas afecções da inibição e da impulsividade: Paixão, neurose obsessiva, toxicomanias melancolizadas*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Coelho dos Santos, T. (2005). A psicopatologia psicanalítica de Freud a Lacan. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 18(184), 74-82.
- Costa, J. F. (2000). O mito psicanalítico do desamparo. *Revista Agora*, 3(1), 25-47.
- Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2006). Comportamentos autodestrutivos, subprodutos e pós-modernidades? *Psicologia Argumento*, 24(47), 35-44.
- Freud, S. (1974). *O mal-estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 21, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930 [1929]).
- García-Roza, L. A. (1990). *O mal-radical em Freud* (5a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Hegenberg, M. (2000). *Borderline* (5a ed.). São Paulo: Casa do

- Psicólogo.
- Justus, D. (2003). *O suicídio nosso de cada dia: Estudos gerais de Psicanálise: Segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 5 outubro 2010, da <http://estadosgerais.org>
- Leite, M. P. de S. (2001). *Toxicomanias e pós-modernidade: Um sintoma social?* Recuperado em 10 setembro 2010, da <http://www.marciopeter.com.br>
- Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. Trauma, dor e ato: O olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora* 10(1). Recuperado em 7 dezembro 2010, da <http://www.scielo.br>
- Magalhães, E. K. (2005, maio). Dos novos sintomas ao sintoma analítico. *Latusa Digital*, 14. Recuperado em 10 Setembro 2010, da <http://www.latusa.com.br>
- Mendes, E., & Próchno, C. C. S. C. (2004). Corpo e novas formas de subjetividade. *Psyche*, 15(8), 147-156.
- Nasio, J.-D. (1991). *Ahisteria: teoria clínica e psicanalítica* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Nasio, J.-D. (1993). *5 lições sobre a teoria de Jaques Lacan* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Nogueira Filho, D. M. (1999). *Toxicomania*. São Paulo: Escuta.
- Outeiral, J. *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- Santiago, J. (2002). *A droga do toxicômano: Uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Savietto, B. B. de A. (2007). Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais “desmapeados”, filhos desamparados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(3), 438-453.
- Silva, L. M. A., & Couto, L. F. (2009). A questão do suicídio: Algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 57-67.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: Do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Voruz, V., & Wolf, B. (2007). *The later Lacan: An introduction*. Albany, NY: State

University of New York Press.

World Health Organization. (2010). *Substance abuse*. Recuperado em 10 setembro 2010, da <<http://www.who.int>>

Recebido em 16 de setembro de 2009

Aceito em 20 de março de 2010

Revisado em 03 de abril de 2010